



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo [AT]

---

**LÍNGUAS E MIGRAÇÕES: NOVAS TENDÊNCIAS NOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS LEVAM PORTUGAL A OLHAR PARA TRÁS, NO SEU PASSADO E PROCURAR IDEIAS E EXEMPLOS DE INTEGRAÇÃO: A “COMUNIDADE PORTUGUESA” DE MONTREAL.**

---

---

SCETTI, Fabio

Doutorando em Ciências da Linguagem

Université Paris Descartes – Paris V / CEPED (França)

[fabio\\_scetti@yahoo.fr](mailto:fabio_scetti@yahoo.fr)

---



### Resumo

Esta comunicação aborda os problemas relativos à integração dos imigrantes em Portugal, mostrando o exemplo das políticas linguística e de integração do Québec e as consequências destas na integração da “comunidade portuguesa” da cidade de Montreal. Em Portugal fala-se muito da nova vaga de emigração como consequência da enorme crise económica e financeira, mas esquecemo-nos da realidade do país no que diz respeito ao percurso de integração dos imigrantes. Este trabalho de pesquisa em sociolinguística pretende mostrar um exemplo de integração e o processo de identificação do grupo dos imigrantes portugueses, numa província como o Québec, no Canadá, onde as questões linguísticas tiveram sempre uma grande importância. Várias políticas foram aplicadas a partir dos anos 70, de maneira a proteger as línguas de origem dos novos imigrantes e com vista a uma melhor integração. A língua portuguesa pode assim sobreviver neste novo contexto e transmitir-se de geração em geração.

### Abstract

This paper provides important insight into the complex issue of linguistic integration in the Montreal area. In addition to the question of linguistic integration, the research analyses how the Portuguese language and culture may well survive over the years, within the community. In Canada and more specifically in Quebec, where linguistic issues have, throughout the history, been a major point of interest, the policies governing questions of languages have, since 1970, operated within a framework concerned with upholding and defending heritage languages. This socio-linguistic research will focus on the dynamic and complex process of defining group's identity through languages practises and will represent a good example to follow in respect to the current reality in Portugal. Portugal needs to analyse the context of immigrants' integration into a new Portuguese society from a different perspective. New policies related to languages and language transmission need to be reconsidered and a different form and purpose need to be given and adapted to the present reality.

Palavras-chave: políticas linguísticas e de integração, “comunidade portuguesa” de Montreal, migrações, contacto entre línguas, transmissão das línguas

Keywords: linguistic and integration policies, the “Portuguese community” of Montreal, language contact, migration, language transmission



## **Introdução**

Portugal é um país de migrações, a história do país pode ser frequentemente associada às viagens e aos contactos com novos povos, mundos e novas realidades.

Nos últimos dois séculos, Portugal passou por várias fases de migração. Ao longo do século XX, passando pelo 25 de Abril de 1974 – data que marcou a queda do regime ditatorial de Salazar, até 1986, ano em que Portugal passou a fazer parte da então Comunidade Económica Europeia (CEE), atualmente União Europeia (UE), Portugal foi sempre um país de emigração. Todavia, no final do século passado, tornou-se num país de acolhimento. Esta nova situação que se criou a partir dos finais do século XX não modificou a tendência e Portugal tornou-se simultaneamente em um país de imigração e de emigração. Além do mais, nos últimos anos, o número de pessoas a deixar o país aumentou rapidamente, devido à grande crise que tem vindo a marcar fortemente o país.

A população que chegou a Portugal e que aí se instalou, não deixou de enfrentar essa nova realidade passando por fases diferentes. A passagem de país de emigração a país de imigração foi muito delicada, e por isso a atitude em relação aos recém chegados foi difícil de ser associada a políticas linguísticas e culturais de integração adaptadas à nova sociedade portuguesa. A “síndrome do sucesso” (Padilla, 2014), explicada como um grande sentimento de desempenho que o país teve durante a passagem de país com dificuldades e de onde as pessoas escapavam para procurar fortuna, a um país de acolhimento e de esperança para outros, não ajudou Portugal a enfrentar a nova situação.

A política de integração cultural e linguística do país é um vasto campo onde seria fundamental trabalhar para adaptar Portugal à nova realidade, uma sociedade mais aberta à diferença, pluricultural e multilingue. Qual seria a melhor escola, senão o estudo de como foram integrados os portugueses lá fora? Graças a esta comunicação pretendemos dar conhecimento da situação em que viveu e teve de enfrentar a dita “comunidade portuguesa” de Montreal, no Québec, num contexto de conflito entre línguas, onde a política linguística e as questões relacionadas com as línguas têm e sempre tiveram um papel importante.

Esperemos que este sirva como exemplo para a reflexão mais elaborada da questão para uma integração dos imigrantes em Portugal de maior sucesso, onde as línguas que viajaram e viajam sejam tomadas em conta.

### **1. Portugal e a sua história de viagens**

Portugal é um país muitas vezes associado às viagens; desde os descobrimentos, em que os portugueses foram os pioneiros europeus no mundo inteiro e chegaram às costas da África, da Ásia do extremo Oriente e da América, até a emigração dos últimos séculos, mais marcada por um povo que saía do país e procurava trabalho, uma fortuna, uma vida melhor. Esta imagem dos emigrados é relacionada então, com as figuras dos navegadores que com as caravelas percorriam os oceanos e foram conhecer diferentes partes do mundo (Serrão, 1982).

Nesta mesma perspectiva de partir e de descobrir, a emigração com “E” teve sempre muita importância e as questões em relação à vida das comunidades portuguesas espalhadas no mundo obtiveram muito interesse e tiveram um impacto na sociedade portuguesa. A imigração com “I” sempre foi uma questão negligenciada, além de ser, na verdade, o processo que mais marcou o novo Portugal de hoje. A ideia de um “nós em Portugal” ainda está longe de ser relacionada com um “nós portugueses”, que vê uma maior consideração dada aos portugueses lá fora. Esta ideia se pode relacionar com o processo de nacionalismo forte e bem cerrado proveniente da época da ditadura salazarista e do período colonial, apesar dos numerosos novos atores da sociedade portuguesa que têm diferentes origens e que vivem, estudam e trabalham em Portugal.

#### **1.1. De país de “E” migração a país de “I” migração**

Portugal passou de um país de emigração a um país de acolhimento em pouco tempo. No curto prazo de duas décadas, desde o processo de descolonização dos anos 70 até ao final dos anos 90, os problemas sociais e políticos do país em relação às migrações mudaram completamente e a adaptação do Estado não acompanhou esta tendência.

Este “novo” Portugal é então constituído por cidadãos portugueses de diferentes origens e passados: alguns nascidos dentro do território administrativo português, em Portugal continental e nos arquipélagos portugueses (Açores e Madeira), outros, provenientes dos países onde a língua oficial é o português e que têm uma forte relação histórica e cultural pós-colonial com Portugal, como é no caso do Brasil, Timor-Leste e dos PALOP – países africanos de língua oficial portuguesa: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Mas, esta nova sociedade portuguesa é também constituída por cidadãos portugueses originários de países bem diferentes de Portugal e mais distantes geograficamente, culturalmente e/ou linguisticamente.

Já depois das guerras coloniais, houve um grande processo de imigração para Portugal. Os ditos “retornados” das ex-colónias começam a voltar para Portugal entre 1974 e 1986. Depois, com a regularização dos processos migratórios da Comunidade Económica Europeia (CEE), começou um lento processo de mudança de legislação e alargamento dos critérios de acesso. Numa primeira fase, esta regularização foi introduzida para os considerados “lusofalantes” porque provenientes das ex-colónias, com acordos de privilégio, ao estilo da *Commonwealth* para o Reino Unido e da *Francophonie* na França. Mais logo, desde o início dos anos 2000, com o fluxo migratório da África lusófona que ficou mais ténue, pudemos observar um grande fluxo migratório proveniente da Europa de Leste: Ucrânia, Roménia, Moldávia, Rússia e Bulgária. Neste período destacou-se também uma imigração em massa do Brasil e de alguns países asiáticos, Índia, China, entre outros.

Segundo as estatísticas nacionais de 2012, de uma população total de cerca 10.500.000 de habitantes, contamos 417.042 estrangeiros imigrados, declarados com naturalidade fora do território nacional. Este número representa 4,53% da população total do país (Estatísticas SEF, 2012). Dentro destes dados, contam-se autorizações de permanência a pessoas de diferentes nacionalidades e não é considerada a situação dos cidadãos de nacionalidade portuguesa mas de naturalidade diferente, que obtiveram a cidadania portuguesa de formas diferentes, a saber: asilo político, origens familiares portuguesas, matrimónio, período cumprido de vida e trabalho em Portugal. Todos estes cidadãos, juntos, são os novos atores da vida em Portugal, não só nas realidades urbanas onde são mais fácil de identificar, como no caso da capital Lisboa, mas também em localidades menores do país peninsular e das ilhas.

## 1.2. Os “novos portugueses”

No contexto contemporâneo, de um Portugal que se encontra numa situação de crise económica e financeira, onde a estabilidade do país é ditada pelo estado da vida social, a posição dos novos chegados põe-se em questão.

A problemática da emigração ganha sempre mais importância e as questões relacionadas com ela entram com mais frequência na lista das dificuldades do país. Nos media, os indivíduos que abandonam um Portugal em crise e que, por sua vez, fica abandonado à sua sorte nas mãos da “troika”, estão nas primeiras páginas e representam um elemento importante do questionamento atual sobre o evento e as causas desta nova situação.

Devemos ter em conta que muitos destes cidadãos portugueses que partem em direção a outras realidades, procurando um novo trabalho e uma nova vida, não são nascidos em Portugal e temos de considerar que para muitos deles, Portugal foi só uma etapa de passagem. Por vezes, indivíduos que nasceram fora de Portugal, mas que hoje em dia têm um passaporte europeu, equivalente ao símbolo de uma circulação mais tranquila e segura dentro da União Europeia, abrem novos caminhos e novas portas dentro do espaço da União Europeia e do espaço Schengen<sup>i</sup>, em países como o Reino Unido, a Suíça, a França, a Alemanha, a Espanha e o Luxemburgo na Europa. Contudo, este processo não se restringe a esses países europeus, mas também interessa outras áreas: a Angola em África e as Américas, com destaque para os Estados Unidos, o Brasil e o Canadá (Observatório da Emigração, 2014).

Além disso, todas as informações que fazem a primeira página de vários jornais nacionais e regionais escondem várias outras questões relacionadas com as migrações, sobretudo no que tem a ver com as

características da população que sai do país, como também com as questões de integração dos indivíduos que entram em Portugal.

De um lado a “fuga dos cérebros” e a questão dos expatriados escondem outra parte do fenómeno. Este se relaciona com aquela parte de população que não tem um alto nível de escolaridade e que também se vê obrigada, por várias razões, de partir do país à procura de novos horizontes.

Por outro lado, as questões de emigração escondem todo um processo que Portugal está ainda a viver quotidianamente. Hoje em dia pode-se respirar um ar de convivência bem particular entre os portugueses e os “novos portugueses”, sobretudo em Lisboa e nos grandes centros urbanos do país. Pode ser que a crise tenha aproximado as pessoas ou que simplesmente, na lista das marcas para ser ou não “português com certeza”, alguns elementos considerados relevantes tenham desaparecido. Além disso, num período de crise sem precedentes, o distanciamento e os obstáculos entre os residentes e os “novos” cidadãos, parecem sempre muito difíceis de superar e o processo de integração requer tempo.

Não se trata só de um distanciamento de amor e ódio, como é no caso do Brasil, com quem Portugal tem uma grande relação de amizade mas onde existem também tensões diferentes. Exemplos disso é, o caso do novo acordo ortográfico ou simplesmente a considerada supremacia cultural, musical e televisiva que do outro lado do Atlântico parece oprimir a criação lusófona do continente europeu.

Há barreiras que existem e que parecem não desaparecer, mesmo entre os habitantes de Lisboa. Durante observações informais, em ocasião das viagens de investigação em Portugal, pude observar que por vezes, com a ajuda de estereótipos e imagens falsas, é fácil criar uma verdadeira distância, bem diferente da realidade. Na visão de Pedro (37 anos) “uma mulher ucraniana é uma mulher grandota, loira e que fala como uma máquina”, e no imaginário de Ana Paula (45 anos) “os chineses em Lisboa nem falam português”.

A integração não é feita só graças à língua portuguesa e ao seu estatuto de dominante no território, nem é feita abrangendo uma cultura fixada no passado. A integração pode existir sem que se partilhe tudo, mas tendo em conta as diferenças das outras línguas e culturas que existem dentro do território português, podendo isso ser definido pelo menos administrativamente. Estas realidades são por vezes desconhecidas e não são tuteladas. Há línguas que se perdem, que se escondem, que morrem e que nem são consideradas ao longo de todo o processo de inserção dos novos imigrantes, dentro do novo contexto. A língua por esta razão, ainda representa uma marca da identidade individual e coletiva de muitos “novos portugueses”, e por isso não pode ser analisada como uma questão secundária.

As questões relacionadas com as línguas e a integração linguística da segunda e terceira gerações em Portugal são elementos importantes que têm de se evidenciar durante todo o processo de integração. Para ser português, para viver em Portugal tem que se falar português.

Voltando ao passado emigratório português e à história da partida dos portugueses em busca de trabalho, nova vida e fortuna, o exemplo dos portugueses em Montreal poderia ser formador e abrir novas discussões sobre este assunto. A importância das políticas linguísticas e de integração no Québec poderia ser considerada e estudada para reabrir o diálogo sobre o assunto e, assim, possivelmente, dar uma nova tendência à evolução atual. Em Portugal, onde a maioria da imigração proveniente de países lusófonos fez do português o elemento federador, depois da chegada de falantes de línguas diferentes, o processo de abertura quererá dizer uma sociedade mais aberta à diferença, pluricultural e portanto multilingue. O português não deixaria de ser a língua pública, mas não iria se impor como língua do privado.

## **2. A “comunidade portuguesa” de Montreal**

Num contexto bem particular, que é aquele da província oficialmente francófona do Québec, dentro do Canadá, estado conhecido pela sua política de integração dos imigrantes focando as diferenças, encontramos a questão da “comunidade portuguesa” de Montreal (Eusébio, 2001).

A definição de “comunidade” é significado dum grupo mais visível e que tem um percurso de integração intra-grupo tão importante quanto a integração no novo contexto canadiano. Esta definição, abre-nos os olhos sobre as “ilhas culturais e linguísticas” que sobrevivem em Montreal, e que, como um puzzle,

completam de cores diferentes o espaço urbano. Quem são os portugueses de Montreal? Quem faz parte da “comunidade”? Onde se pode localizar a “comunidade” e quais são os seus limites ou fronteiras?

Durante o percurso de identificação do grupo ou coletividade a questão da língua é fundamental porque nos ajuda a perceber de que forma diferente a língua é um dos elementos marcadores de identidade, e sobretudo graças à língua podemos ainda ouvir o grito de diferença que tal grupo emana pelas ruas da cidade canadiana.

## **2.1 O estudo sociolinguístico sobre os portugueses de Montreal**

Dentro de uma pesquisa etnográfica sobre a “comunidade portuguesa” de Montreal, o trabalho feito inscreve-se dentro de um estudo de sociolinguística sobre as práticas linguísticas dos falantes de origem portuguesa no bairro de Saint Louis, querendo focalizar-se sobre o processo de transmissão da língua neste novo contexto, e a importância e o impacto que as políticas linguística e de integração cultural tiveram.

Após estudo de campo realizado em 2011 em Montreal, durante seis meses, e as posteriores análises que seguiram, foi observado o processo de evolução da língua e foi estudado o percurso de integração dos imigrantes portugueses e a questão da visibilidade do grupo na cidade.

O estudo sobre a evolução da língua portuguesa em contexto de contacto das línguas – neste caso o português em contacto com as duas línguas dominantes em Montreal: o inglês e o francês; é dividido em duas grandes partes.

Em primeiro lugar, trata-se de uma análise das mudanças da língua durante a passagem e transmissão entre as diferentes gerações (Scaglione, 2000). Analisando seis elementos considerados frágeis, pode-se encontrar de que maneira a língua portuguesa de Montreal se modificou durante o percurso de transmissão. Através das entrevistas realizadas com vários membros da comunidade de diferentes gerações, sexo, ocupação e nível de estudos, pretende-se perceber que variante de português se fala hoje em dia, de que forma esta língua evoluiu e quais foram as consequências maiores do contacto com as outras línguas presentes.

Na segunda parte, mais relacionada com o estudo das representações linguísticas, analisando os discursos epilinguísticos dos entrevistados pretende-se demonstrar qual é o papel da língua portuguesa em Montreal, de que maneira a língua vive e como é percebida a sua posição - tendo em consideração a consciência linguística dos seus falantes. Finalmente pretende-se analisar o papel importante que a língua tem no percurso de identificação do grupo, como marca da identidade coletiva e elemento importante a transmitir às gerações futuras para a continuidade do grupo no tempo, considerando o medo da perda.

## **2.2 Montreal: *ville à deux visages*<sup>ii</sup>**

As questões da língua foram sempre um assunto muito delicado em Montreal, uma cidade oficialmente bilingue, onde se encontra uma maioria francófona e uma minoria anglófona.

Até aos anos 70, a escolha da língua da escolarização era livre, e cada novo cidadão de Montreal podia optar por um dos idiomas. Com as consequências da *Révolution Tranquille* (Linteau, 2007) e as leis provinciais do Québec, 22 e 101 nos anos 1970, o francês chegou a ser a única língua oficial da província e então primeira e única língua de escolarização dos novos chegados.

Esta mudança, com vista à defesa de uma língua francesa em perigo de desaparecimento, teve enormes consequências no que concerne às políticas de integração linguística dos imigrantes e na escolarização dos jovens imigrantes. Estes recém chegados tinham a obrigação de inscrever os seus filhos nas escolas de língua francesa ou francófona.

Criou-se então um contraste entre uma política linguística regional valorizadora do francês como única língua oficial de convergência no Québec de um lado, e de outro uma política de integração canadiana, baseada na defesa das diferentes culturas e línguas presentes, seguindo um modelo anglo-saxone.

De facto, no processo de integração dos recém-chegados ao Québec, foi dada uma grande importância às políticas linguísticas, não só no que se relaciona com a língua francesa, mas também em respeito à



sobrevivência das línguas dos novos chegados. Um exemplo é à ajuda na formação e na promoção das já, por vezes, existentes “escolas comunitárias” desde o governo de Pierre Elliott Trudeau – primeiro ministro do Canadá entre 1968 e 1984. Mais tarde, durante a grande mudança dos anos 1970, foi criado o *Centre des Langues Patrimoniales*, e sucessivamente, em 1978, o P.E.L.O. (*Programme d'Enseignement des Langues d'Origine*), programa que previa créditos suplementares reconhecidos no sistema provincial, aos estudantes que frequentassem as escolas comunitárias. Nos anos 1990, foi criado o C.E.L.C.O. (*Conseil des Écoles de Langues et Cultures d'Origine*) conselho que reagrupava todas as escolas definidas como “comunitárias” e cujo objetivo era preservar uma união e cooperação entre as diferentes instituições com projetos de desenvolvimento e promoção do ensino das línguas de origem de cada grupo.

Com esta vaga de pensamento para uma sociedade mais aberta e pluricultural, a partir dos anos 1990, nos projetos de fundação duma nação quebequense inclusiva e igual (Mc Andrew, 2002), as questões do ensino, da transmissão das línguas e das atitudes e comportamentos dos diferentes cidadãos dentro do espaço provincial, foram fundamentais. Ao longo deste percurso de criação da nova sociedade quebequense, vários estudos e pesquisas académicas foram lançados para esses propósitos. A realidade da sociedade urbana da metrópole de Montreal continua a ser o alvo de estudo e implementação de vários programas, com mais enfoque nas questões do ensino das línguas, nos lugares ocupados por cada língua e nas atitudes linguísticas dos seus cidadãos.

Hoje em dia, as consequências deste percurso são a existência e sobrevivência de escolas de língua e cultura de origem nos diferentes espaços urbanos definidos como bairros étnicos, no bairro de Saint Louis entre outros. Estas instituições lutam pela transmissão e pela sobrevivência das línguas, e mantêm o papel que antes era das famílias. Promovem as línguas como expressão de culturas, herança de um passado comum e visões de um futuro. As línguas são assim o grito de identidade de cada grupo no processo de integração dentro de um novo contexto pluricultural e multilingue metropolitano. Montreal define-se assim uma ilha formada por diferentes ilhas, mas portanto unidas.

### **2.3 O bairro de Saint Louis e a Missão Santa Cruz**

Em Montreal, e segundo as estatísticas federais canadianas, a comunidade portuguesa é constituída por 29.000 membros, contando os nascidos em Portugal e os descendentes cujos pais são de naturalidade portuguesa (Statistiques Canada, 2009). Esta população encontra-se concentrada, em maioria, na parte leste da cidade, parte que correspondia à parte francófona e onde se encontra uma presença maior de falantes nativos de língua francesa. O centro da comunidade encontra-se no bairro de Saint Louis, dentro do distrito urbano Plateau-Mont-Royal<sup>iii</sup>, e hoje em dia, também nas periferias de Anjou a leste, Longueuil na margem sul do rio Saint-Laurent, e em Montreal Nord e Laval no norte (Pereira Da Rosa e Teixeira, 2000).

Desde os finais dos anos 1950, os primeiros portugueses instalaram-se no bairro Saint Louis, um bairro que foi conhecido como bairro da imigração e que foi povoado em fases históricas diferentes por vários grupos de imigrantes; como os Italianos, os Gregos e os Judeus. Este bairro representa até hoje o bairro português da cidade e é também conhecido como “a comunidade”. Localizado entre as ruas Pins au sul, e Saint-Joseph ao norte, a rua Saint-Denis a leste e a rua Parc no oeste, as ruas Coloniale, Roy e De Bullion foram ao longo de vários anos quase completamente habitadas por famílias portuguesas (Lavigne, 1987).

Ao longo do tempo, muitas famílias têm mudado de casa e bairro, mas Saint Louis continua a ser o centro das atividades comerciais do grupo que desenvolveu uma comunidade dos negócios próspera e complexa (Robichaud, 2004). Este bairro, também representa o centro associativo do grupo onde se encontram clubes, associações, instituições e bares, e o centro religioso e escolar.

No centro do bairro, localiza-se a Missão Santa Cruz, igreja católica associativa criada no final dos anos 1950 que representa não só o centro religioso da vida católica comunitária mas também o centro cultural e o organismo que controla o sistema do ensino da língua portuguesa. A Missão Santa Cruz para o ensino primário, juntamente com a Escola Lusitana para o ensino secundário, concentra os estudantes de língua e cultura portuguesas até ao 11º ano, em Montréal. São então as últimas duas instituições existentes dentro da cidade, considerando que existem duas outras escolas nas periferias: em Laval, no norte e em Brossard, na

margem sul. Nos programas das atividades da igreja, a transmissão da língua ocupa um lugar importante. A língua não tem só o papel de língua do passado e de pertença a uma história, mas tem também a posição de língua veicular da comunicação intercomunitária nas atividades comerciais e de lazer do bairro, e é uma marca da identidade do grupo.

A língua portuguesa transmite-se no seio da “comunidade” e ainda sobrevive em Montreal (Statistiques Canada, 2003). Nos discursos dos jovens, a língua é promovida como uma língua do passado e também do futuro. Para Jaime (16 anos) é “uma das línguas mais falada no mundo” e com o crescimento econômico do Brasil vai ser uma língua dos negócios, “o português é a sétima língua mais falada no mundo e a terceira no mundo ocidental, e com as ex-colônias: Angola, Moçambique, e o Brasil, que daqui a 20 ou 30 anos serão superpotências, o português será uma grande língua do futuro”, assim ele continua. Portanto, a língua deixa de ser a língua dos avós, do passado, da tradição, da herança, elaborando-se na escola novos discursos mais relacionados com o futuro.

Em Saint Louis, a Missão Santa Cruz continua a ser a escola dos pequenos portugueses – luso-canadianos, *lusó-québécois*<sup>iv</sup> da cidade, além dos limites que podem interferir na sua ação: os horários reduzidos – só no dia de sábado – e a motivação dos alunos que às vezes frequentam mais por pressão familiar. A Missão tem por objetivo conservar a ligação entre as diferentes gerações e graças à sua ação o português mantém-se e é transmitido em Montreal dentro de uma comunidade viva e dinâmica que olha sempre para frente.

### **3. Língua e identidade através do uso da língua**

Em conclusão, considerando a influência que as diferentes políticas tiveram na construção da identidade dos novos canadianos ou quebequenses de origem portuguesa, no caso referido, a língua é um elemento importante no processo de integração. Pois ela representa a marca importante da identidade individual, e é também um elemento determinante e federador para a identidade coletiva dos indivíduos no grupo. É a língua intergeracional entre os mais novos e os mais idosos, e também a “língua franca” entre portugueses mais integrados na Montreal anglófona ou francófona.

Florbela (41 anos) diz – “eu sempre e só falava português com os meus pais, eles nem falam bem o inglês ou o francês, e as minhas filhas falam com eles português, e em Portugal, com a família, é muito importante”. Ela e o seu marido falam por vezes uma outra língua e depois voltam para o português para que as filhas aprendam. Ela acha ter perdido o seu português e falar mal, além de sentir-se julgada e envergonhada de não ter um bom conhecimento da língua e sentir-se completamente portuguesa. Nas suas palavras podemos observar a importância dada à língua nas relações familiares e intergeracionais entre os seus pais e as suas filhas, e também podemos analisar uma forte relação entre língua e identidade, como também uma atitude de medo da observação, do julgamento. Para a Florbela, o facto de falar um “bom” português faz parte dos elementos importantes para ser e se considerar português.

Neste percurso de procura da identidade e manutenção das línguas de origem, as escolas comunitárias tiveram e têm um papel fundamental. Elizabeth (31 anos) afirma – “com o meu marido tentamos falar sempre português com a nossa filha, que só tem 2 anos, mas não é fácil falar entre nós”. Eles, um jovem casal de portugueses nascidos no Québec, querem que a filha fale português e que então frequente a escola da Missão Santa Cruz. A Elizabeth mostra a importância dada à língua para o futuro da criança, sobretudo no que se refere às viagens a Portugal para visitar a família. Ela sublinha também o papel da Missão ao longo deste caminho de aprendizagem, uma posição de relevo que a escola tem como suporte no momento de escolha de cada família, se transmitir a língua ou não, às próprias crianças, e então por isso mudar as atitudes linguísticas dentro da casa.

Estas “escolas comunitárias” sobrevivem graças a políticas que tiveram um interesse particular nas novas comunidades imigradas. Estas políticas tiveram um papel fundamental sobretudo no contexto do Québec onde a questão linguística ou das línguas demonstrou sempre mais importância do que outros aspetos. As línguas sempre tiveram um espaço particular no Québec e sobretudo em Montreal, pela sua particularidade de cidade oficialmente bilingue. A língua não é só símbolo de sobrevivência mas representa também a

visibilidade no espaço citadino de Montreal, onde cada grupo identifica-se na sua “ilha cultural” – enquanto espaço próprio.

Durante a pesquisa foi interessante analisar o contraste de diferentes políticas no que se refere à integração dos imigrantes. As ações principais que foram tomadas neste aspeto, foram a promoção, a constituição, defesa e desenvolvimento de “escolas comunitárias” com a finalidade de incentivar o ensino das “línguas comunitárias”, para com isso manter o processo de transmissão das línguas minoritárias ao longo das gerações, dando vida ao processo duma integração intra-grupo.

As políticas tiveram um papel importante mais no que se refere com a língua em público do que no privado, e tiveram importância na educação, no trabalho e na vida pública. No que é relacionado com a vida privada, temos duas realidades, dum lado a língua principal da família e por outro lado a língua principal do grupo. Entre os vários jovens de origem portuguesa, que podem falar inglês, francês e português, várias e diferentes posições têm estas línguas em cada caso. Diferentes perfis existem, não só em relação às atitudes linguísticas, mas também considerando a identidade de cada indivíduo em relação ao uso destas línguas.

Considerando este resultado de integração cultural e linguística, em um contexto onde a questão linguística tem um papel fundamental na integração dos imigrantes; novas ideias e conceitos poderiam ser implementados a fim de mudar a atual situação em Portugal, para um processo de integração dos “novos portugueses”, sem oprimir e esquecer as línguas nativas dos vários grupos, e com isso cancelar uma parte da identidade.

## Referências bibliográficas

Estatísticas Observatório da Emigração (2014). *Fluxo de entrada de portugueses por país*. Recuperado em 24 de Abril 2014, de <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/3252.html>.

Estatísticas SEF (2012). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* (Sefstat). Recuperado em 24 de Abril 2014, de <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=3471>.

Eusébio Joaquim (2001). *Falando Português em Montreal*. Montréal: Quebec World.

Lavigne Gilles (1987). *Les ethniques et la ville. L’aventure des immigrants portugais à Montréal*. Longueuil - Québec: Édition du Préambule.

Linteau Paul-André (2007). *Brève Histoire de Montréal*. Montréal: Boréal.

Mc Andrew Marie (2002). *Projet national, immigration et intégration dans un Québec souverain*. In *Gouvernement du Québec, Mise à jour des études originalement préparées pour la Commission sur l’avenir politique et constitutionnel du Québec (1990-1991) et pour la Commission parlementaire d’étude des questions afférentes à l’accession du Québec à la souveraineté (1991-1992)*, pp. 31-59, volume 3, première partie, livre 1. Québec: Gouvernement du Québec.

Padilla Beatriz (2014). *Políticas migratórias em Portugal: país de migrações ou mobilidade global?* Apresentado no VIII congresso português de sociologia. Évora, 14-16 de Abril de 2014.

Pereira Da Rosa Victor & Teixeira Carlos (2000). *The Portuguese in Canada: Diasporic Challenges and Adjustment*. Toronto: Toronto University Press.

Robichaud Denis (2004). *La création du quartier portugais de Montréal. Une histoire d’entrepreneurs*, *Géographie Economie Société*, 6 (4), 415-438.

Scaglione Stefania (2000). *Attrition. Mutamenti sociolinguistici nel lucchese di San Francisco*. Milano: Franco Angeli.

Serrão Joel (1982). *A Emigração Portuguesa*. Collecção Horizonte, 4a edição, Lisboa: Livros Horizonte.

Statistiques Canada (2003). *Census of Canada (2001): Profile of ethnic category, mother tongue and home language, 95-0357*. Ottawa: Industry Canada.

Statistiques Canada (2009). *Census of Canada (2006): Citizenship, immigration, birthplace, generation status, ethnic origin, visible minorities, and aboriginal peoples, 97-557-XIE*. Ottawa: Industry Canada.

---

<sup>i</sup> Espaço Schengen – convenção entre países europeus para a abertura das fronteiras e livre circulação das pessoas. Em 2014, 30 países assinaram tal acordo: todos os membros da União Europeia (excepto Reino Unido e Irlanda) e 3 países não membros (Islândia, Suíça e Noruega).

<sup>ii</sup> “*Ville à deux visages*” – cidade com duas caras. Por um lado as duas caras representam as duas línguas maioritariamente presentes: o francês e o inglês e por outro lado, as duas caras representam o contraste entre uma política de província unilingue para afrancesar a região do Québec e uma política canadiana de integração dos novos imigrantes que quer proteger as línguas de origem dos novos grupos.

<sup>iii</sup> Plateau-Mont-Royal – bairro central da cidade. Denominação de “*arrondissement*” em francês.

<sup>iv</sup> *Luso-québécois* – utilização da palavra em francês que faz referência a um habitante de origem portuguesa na província do Québec. No contexto da comunidade é muito utilizado o termo “luso-quebequense”.